

# Antes e depois das construções

» ALDO PAVIANI

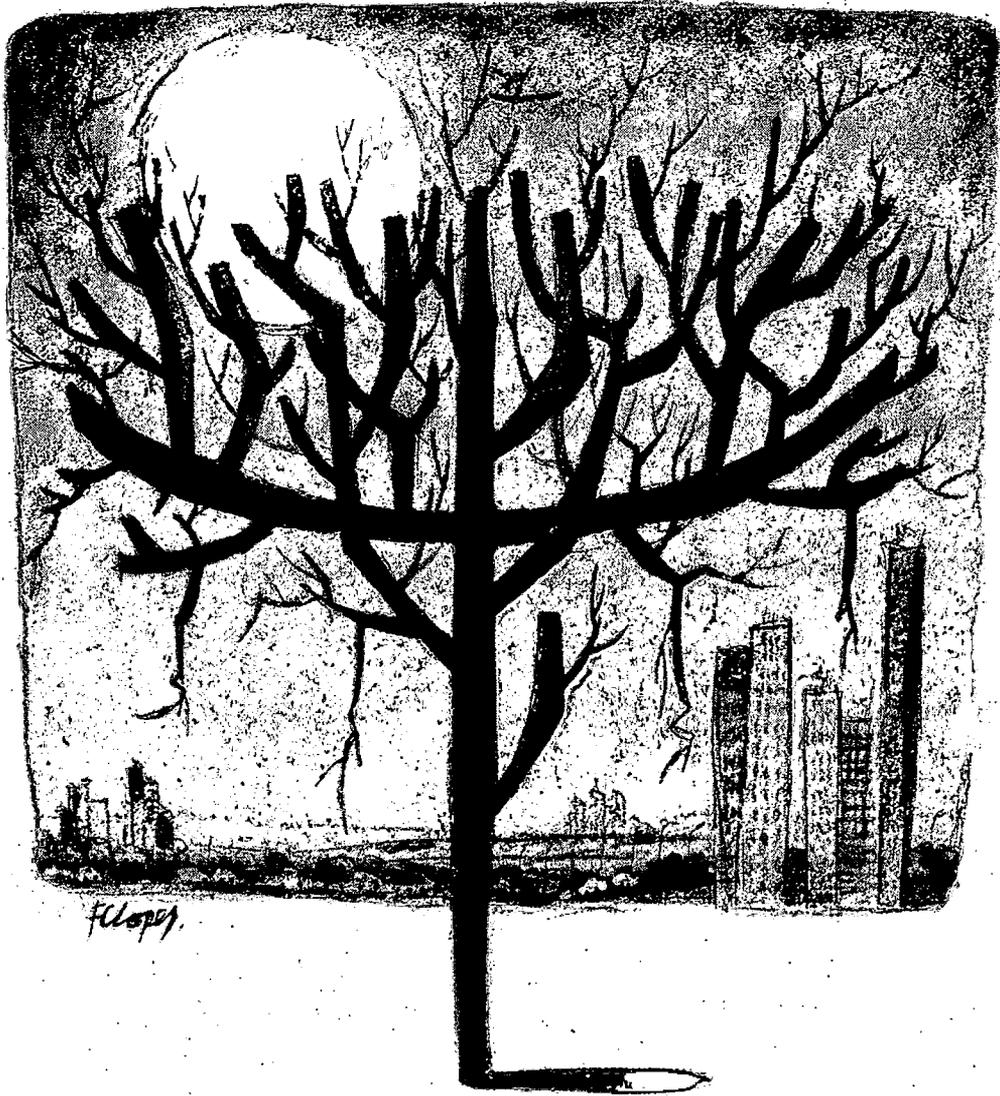
Pesquisador associado do Departamento de Geografia e do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais/Ceam/UnB

Em fins de outubro de 1956 construiu-se o Catetinho, a residência do presidente Juscelino em suas visitas às obras do Plano Piloto de Brasília. Foi construído em 10 dias e as fotografias existentes no pequeno museu mostram o aproveitamento de madeiras extraídas de árvores existentes no local. O que se nota, hoje, é que a primeira construção oficial causou pequeno dano à natureza: foi mantido o ambiente de Cerradão (com letra maiúscula mesmo, pois se trata de um dos tipos desse importante bioma), as grandes árvores lá estão com suas etiquetas de identificação; as nascentes ao fundo do lote se mantêm, apesar da feia canalização realizada; a passareda alegra o local com gorjeios e revoadas. Enfim, pode-se dizer que o ambiente é belo acervo turístico e exemplo do antes e do depois da construção.

Outro testemunho, bem diverso do Catetinho, é o que nos mostra a fotografia vinda do espaço e captada pela Estação Espacial Internacional. A foto noturna foi divulgada pela imprensa e está na internet (com créditos para o Earth Observatory — NASA) para conferir o que afirmam ser “um dos melhores exemplos” do planejamento urbano do século 20. Pode-se não concordar com o “exemplo de planejamento”, pois a imagem é também denúncia do depois da construção do Plano Piloto. Inúmeros apêndices ou, como diria o grande geógrafo Milton Santos, enormes próteses, indicam os tentáculos que formam Brasília. Reconheça-se que é obra agigantada, que não permite imaginar o Distrito Federal em seus primórdios.

É obra do engenho humano, carimbada no Planalto Central, à qual se agregaram o que agora se aceita como bairros e enormidade de condomínios irregulares — em busca de regularização —, estejam ou não agredindo o ambiente total, isto é, a natureza. Aqui e ali, há tufo de Cerrado, que aos poucos cede terreno a empreendimentos imobiliários e ao que, eufemisticamente, se denomina de “invasões”. O Noroeste é um desses exemplos da marcha sobre a natureza primeira. Nelle, as nascentes foram sendo substituídas por crateras que servirão de estacionamentos subterrâneos dos edifícios em construção. Alguns dirão: “aquela poeira toda lembra o início de Brasília e indica o progresso em marcha”.

Nada a comentar sobre essa noção ideológica de progresso, sobretudo quando se quer democratizar a cidade, proporcionar que os benefícios dessa grande obra alcancem toda a população e não apenas os privilegiados habitantes dos “bairros nobres”. E quando refiro toda população, incluo nela



as gerações futuras, as crianças, que podem contar agora com Secretaria de Estado que cuidará de seus misteres. Essas mesmas crianças desejam aproveitar um legado e não espaços dilapidados e inóspitos, onde a água se exauriu, onde a terra foi ocupada ilegalmente e, com isso, sem os cuidados necessários, será vítima de erosões. Jovens e crianças desejam ambientes onde possam encontrar paisagens idênticas à do Catetinho, com natureza exuberante por herança.

Mas, voltando à imagem tirada por astronautas, que referiram o termo “inconfundível” para o desenho urbano do DF. De fato, a imagem é impressionante do que aqui se construiu. As ramificações urbanas, a partir do Plano Piloto, este é sim inconfundível pelo inigualável desenho com suas asas Norte e Sul e o Eixo Monumental, formando a “borboleta” como preferia o genial urbanista Lucio Costa. Se os astronautas dessem um zoom à foto, apareceriam as configurações arquitetônicas, as silhuetas dos palácios e edifícios do não

menos célebre arquiteto Oscar Niemayer. Tudo de beleza infinita, capaz de fazer do centro de Brasília um Patrimônio da Humanidade a ser preservado.

Mas, a geografia mostrada da foto espacial é de um todo urbano, de cidade que abriga uma metrópole a merecer cuidados, conservação, acabamentos urbanos, não apenas em seu centro, mas nos seus bairros — os tais tentáculos bem fotografados e suas ligações por enorme rede viária. A cidade tem diversos centros de ensino superior — em que docentes e técnicos formam profissionais na área do urbano/regional, tal como a UnB — que podem oferecer metas de expansão para a capital e sua área de influência com abordagem inter e multidisciplinar. A sociedade pode oferecer subsídios para efetiva volta à regulação do crescimento por meio de renovado PDOT, sem o viés imobiliário do que está para ser revogado. As futuras gerações agradecem a volta do planejamento urbano, essencial para a apropriação social do que foi socialmente construído.